



HISTÓRIAS CRUZADAS

HISTÓRIAS CRUZADAS

O trabalho com histórias de vida
junto a famílias com filhos adotivos



instituto
fazendohistória

Durante o ano de 2014 e 2015, 18 famílias adotivas aceitaram o desafio de embarcar com a equipe do Instituto nessa jornada para uma melhor elaboração das histórias de vida das crianças e adultos envolvidos em uma história de adoção.

Foram encontros sensíveis, por vezes difíceis e certamente muito valiosos. Gostaríamos, portanto, de agradecer às famílias que se abriram para esta proposta.

O Projeto **Histórias Cruzadas** está aqui sistematizado na íntegra para que possa servir a outras instituições, pessoas ou profissionais que desejem se apropriar da metodologia ou parte dela, da forma que melhor lhes convir. Um dos valores do Instituto Fazendo História é o do compartilhamento de informações. Por isso, este projeto é de todos nós.

Claudia Vidigal

Presidente do Instituto Fazendo História

ÍNDICE

Apresentação 09

Depoimento de uma família 12

Introdução 14

1 REFLEXÕES SOBRE A ADOÇÃO 16

A medida do acolhimento como experiência reparadora 18

A adoção e o luto necessário 20

Aceitar o passado para viver o presente 21

O que contar? Como contar? 23

Canal aberto de diálogo 26

A legislação sobre o tema 28

O trabalho necessário 29

2 A METODOLOGIA DE TRABALHO COM HISTÓRIAS DE VIDA NO CONTEXTO DA ADOÇÃO 30

3 HISTÓRIAS CRUZADAS 34

Objetivo 35

Público alvo 35

Preparação e seleção das famílias participantes 36

Duração 37

Profissionais que coordenam os grupos 37

Triângulo metodológico – Vínculo, livros e álbuns 38

Parâmetros para a construção dos álbuns das famílias 40

Integração entre as famílias pode aumentar através da troca de e-mails 45

Avaliação de cada encontro 45

Sugestão de livros 46

4 GRUPO DOS PAIS 50

Cardápio de atividades 52

5 GRUPO DOS FILHOS 64

Sugestão de livros que podem ser utilizados nos grupos das crianças 66

Sugestão de brinquedos que podem ser utilizados no grupo 69

Cardápio de atividades dirigidas 70

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 74

7 ANEXOS 76

APRESENTAÇÃO

Para quem acompanha o Movimento de Apoio à Adoção no Brasil durante os últimos 20 anos não é difícil identificar sua evolução. As mudanças foram significativas. Deveram-se ao empenho e ao desempenho de um grupo cada vez maior de pessoas sensíveis às crianças e aos adolescentes que ficam à margem do ambiente familiar.

A literatura específica de orientação para pais e filhos adotivos eram raras; hoje, com certeza, são quase duas centenas de obras produzidas só por autores nacionais.

A aglutinação de grupos de pais adotivos e de pessoas interessadas na adoção permitiu uma visibilidade representativa diante da sociedade. O ambiente acadêmico deu ensejo à produção de dissertações e teses sobre o tema.

No contexto jurídico surgiu a Lei nº 12.010, que promoveu maior clareza no trato do processo adotivo. O Cadastro Nacional de Adoção foi outra ferramenta criada para organizar, agilizar e oficializar os caminhos para os encontros entre pais e filhos adotados.

Tudo isso foi muito bom, mas ainda temos mais de 6 mil crianças e adolescentes disponíveis para adoção sem que famílias os acolham. Nas instituições, quase 40 mil crianças e adolescentes aguardam a definição jurídica de suas histórias de vida: retorno para a família de origem ou encaminhamento para a adoção. Por outro lado, quase 30 mil pretendentes habilitados aguardando a oportunidade de se tornarem pais. Estes números refletem o grande desafio a ser vencido por todos aqueles que se dedicam a trabalhar pela Adoção.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que "a política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios" (Art. 86). As linhas de ação dessa política preveem a articulação e a hierarquização de todas as políticas públicas para o exercício dos direitos.

Neste contexto, o trabalho incansável de grupos de apoio à adoção (GAAs) capitaneados pela Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção (ANGAAD) mostra a sua relevância. Os GAAs, historicamente, defendem o direito constitucional de toda criança ou adolescente viver em família, desenvolvendo ações e tecnologias sociais para a promoção da convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, trabalhando, inclusive, pelas reintegrações familiares. Surgiram, a partir de diversas ações da sociedade civil, na perspectiva de suprir lacunas existentes no trabalho com a adoção, evidenciadas pela realidade das famílias que se viam despreparadas, solitárias, desejanter de diálogo e ferramentas para que as adoções fossem melhor sucedidas. Constituíram-se na intenção de oferecer suporte aos operadores do direito, possibilitar espaço de debate, estudo e pesquisa, promover o encontro entre pais e filhos adotivos, bem como fornecer subsídios técnicos e operacionais no amparo à família adotiva.

Ao longo dos últimos vinte anos, os GAAs têm se fortalecido e se organizado, profissionalizando as suas ações, tornando-se segmento importante e imprescindível na rede de proteção integral à infância e adolescência, na perspectiva de preservação do direito à convivência familiar e comunitária.

Atualmente, graças ao trabalho dos muitos grupos de apoio à adoção brasileiros, a adoção já não é mais vista como uma filiação de segunda categoria ou apenas como o último recurso a que casais estéreis recorrem quando não podem ter filhos pelas vias biológicas.

A adoção hoje é entendida como uma outra possibilidade de se constituir família, que pode trazer resultados tão satisfatórios quanto a filiação biológica. Sobretudo, a adoção é um direito das crianças e adolescentes desprovidos de uma família.

Entretanto, existem especificidades que fazem parte do contexto adotivo que não podem ser perdidas de vista. Os aspectos particulares do universo da adoção necessitam ser assumidos, entendidos e incorporados pelas famílias adotivas para que possam construir dinâmicas mais favoráveis no processo educativo de seus filhos.

A metodologia oferecida no projeto **Histórias Cruzadas**, objeto da presente publicação, constitui-se uma excelente ferramenta de suporte aos grupos de apoio à adoção para ser utilizada no seu trabalho com as famílias adotivas, para a elaboração e compreensão dos mecanismos psíquicos envolvidos nas suas histórias de vida.

Ao se oferecer possibilidades aos pais adotivos para falarem a respeito de sua escolha pelo caminho da adoção, sobre suas histórias de vida e motivações, e refletirem sobre questões importantes envolvidas nessa forma de filiação, estaremos permitindo a expressão de angústias, medos e dúvidas e, assim, contribuindo para uma filiação mais consciente.

Dessa forma, o suporte oferecido aos adotantes redundará em importantes subsídios para a construção de um espaço psíquico na dinâmica do casal e/ou família e possibilitará que a criança ou adolescente recém-chegado possa ocupar a condição de filho e, na relação com os novos pais, constituir-se como sujeito.

A sistematização dessa metodologia de trabalho é muito bem-vinda e certamente trará excelentes contribuições para um melhor preparo das famílias adotivas e, conseqüentemente, mais segurança e proteção às muitas crianças e adolescentes adotados.

Suzana Sofia Moeller Schettini

Presidente da ANGAAD – Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção

DEPOIMENTO DE UMA FAMÍLIA

Há sete anos recebemos nossa filha, na época com 5 aninhos. Hoje ela está com 12. Foi um caso de adoção compartilhada, são três irmãos e cada um foi adotado por uma família diferente. Assumimos o compromisso de manter o vínculo e o contato constante. Costumamos brincar que não separamos irmãos, eles nos reuniram em uma grande família!

No início, enfrentamos dificuldades, emoções intensas, dúvidas, situações inesperadas. Enfim, planejamos muito a entrada de um novo membro em nossa família e, como em quase tudo na vida, saiu diferente do programado. Hoje, definitivamente posso afirmar que algumas questões são naturais de qualquer processo de adoção. Outras são específicas da nossa configuração familiar. Receber orientações neste início da jornada da adoção ajuda muito a estabelecer vínculos e minimizar sofrimentos desnecessários.

Durante uma apresentação no Gaasp (Grupo de Apoio à Adoção de São Paulo), tomei contato pela primeira vez com o trabalho do Instituto Fazendo História. Ouvi, nesta ocasião, o relato sobre a importância de se construir uma narrativa, de organizar memórias, de descrever com começo, meio e fim, fatos ou circunstâncias de nossas vidas. Conheci a metodologia de construção dos álbuns de fotos e relatos e me encantei. Talvez porque minha filha trouxe registros de seus primeiros anos de vida, eu tenha ficado tão sensibilizada.

Dessa forma, decidi participar do Histórias Cruzadas e iniciamos nossos encontros mensais; foi uma grata surpresa. Encontrar outras famílias adotivas foi muito importante. Compartilhar e trocar experiências, com acompanhamento de profissionais competentes e sensíveis foi fundamental. Muitas vezes, passamos por momentos confusos e difíceis em silêncio. Quando conseguimos descrever um momento doloroso, nomeá-lo, dar formato, compará-lo, situá-lo, o que chamávamos de um grande problema começa e ter um tamanho mais razoável e administrável. A ansiedade cai, o bem-estar se instala.

Considero genial essa metodologia, de organizar nossos medos e dificuldades, de falar sobre eles em grupo e ter um resultado físico: construir um álbum de fotos com narrativas. Isso é fantástico!

Oferecer aos pequenos a possibilidade de participar, de contar suas histórias, com fotos, de maneira simples, clara, descomplicada, é simplesmente mágico. O álbum de fotos e relatos pode fazer toda a diferença em uma vida. Envolve toda a família, é difícil, prazeroso, alegre e dá resultados palpáveis, nítidos.

A adoção é cercada de mitos e preconceitos que dificultam a vida das famílias adotantes. Minha filha usa o seu álbum, leva na escola, mostra aos colegas, explica sua trajetória com facilidade. Apesar da tenra idade, fala de assuntos como drogas ou abandono, sem culpas ou tintas pesadas. O álbum é seu grande aliado!

Por ser tão maravilhoso, é difícil descrever a importância do trabalho desenvolvido no Histórias Cruzadas. O fato é que posso dividir minha família em antes e depois dessa construção. Aprendi tanto! Obrigada equipe do Instituto Fazendo História, minha família será eternamente grata a vocês!

Aurea, Mariana e Evelin

Participantes do Histórias Cruzadas

INTRODUÇÃO

O Instituto Fazendo História é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) fundada em 2005, que colabora com o desenvolvimento de crianças e adolescentes com experiência de acolhimento, a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem suas histórias. Sua atuação baseia-se nas diretrizes legais que oferecem parâmetros para os serviços de acolhimento no Brasil.

Nesta perspectiva, o Instituto contribui para que as vivências do delicado momento do acolhimento sejam elaboradas pelas crianças e adolescentes para que compreendam os fatores que levaram a esta medida de proteção e, através da manutenção e construção de vínculos afetivos com pessoas significativas, se fortaleçam para o retorno à convivência familiar ou para uma adoção. Acompanha de perto crianças e adolescentes durante o período em que estão afastados provisoriamente da família biológica ou à espera de uma família adotiva. Quando o poder judiciário define que o melhor encaminhamento é a adoção, testemunha a primeira parte da adaptação de alguns com suas novas famílias, enquanto ainda estão no serviço de acolhimento, oferecendo suporte para esse momento de transição.

O Histórias Cruzadas foi a primeira oportunidade do Instituto atuar após o período de acolhimento. Surgiu da demanda por novos espaços de apoio às famílias que passaram pelo processo de adoção e resulta da percepção de que a metodologia de trabalho com histórias de vida pode ser muito frutífera neste contexto pós acolhimento, contribuindo não só para que os filhos compreendam e elaborem suas histórias, mas também para que os adultos que passam a ser pais tenham esta oportunidade de compreensão e elaboração.

Além disso, é importante citar que, por vezes, o Instituto deparou-se com uma grave situação: o retorno para o serviço de acolhimento de crianças ou adolescentes que tinham sido adotados. A frequência com que isso acontece revela que há casos em que pais e filhos não estão prontos para a construção de uma nova família, reforçando a necessidade de espaços de apoio para todos os envolvidos, tanto antes quanto depois da adoção.

Esta publicação pretende difundir a metodologia utilizada no Histórias Cruzadas, dar visibilidade à necessidade de espaços de apoio como esses e possibilitar sua multiplicação por profissionais e grupos de apoio que atuam no contexto da adoção.



REFLEXÕES SOBRE A ADOÇÃO

O tema da adoção mobiliza fortes afetos. Angústias e conflitos subjetivos ligados à perda, luto, abandono e rejeição podem vir à tona de forma ainda um tanto primitiva. Não são somente pais e filhos adotivos que entram em contato com estes sentimentos; familiares, amigos, profissionais e a sociedade em geral também são mobilizados por tais questões.

O impacto destes afetos pode ter levado o senso comum a construir diversos mitos, preconceitos e fantasias ligados à adoção. Ainda é comum pensar que a criança adotada possui um quadro psíquico específico ligado aos eventos concretos que levaram à adoção (abandono, perdas, separações, ausência de pais, violência, negligência), que é mais suscetível a conflitos psicológicos, que apresenta dificuldade de aprendizagem ou que está geneticamente condenada a repetir a "história de fracasso, de violência ou de uso de drogas" de seus pais biológicos. É igualmente comum o preconceito de que a medida de acolhimento, a experiência de viver em um abrigo, é necessariamente ruim. Tais concepções localizam nos hipotéticos traumas vividos pela criança as dificuldades que se apresentam na adoção de uma forma um tanto simplista que pouco colabora com um olhar mais atento para que as dificuldades e conflitos sejam de fato superados.

A MEDIDA DO ACOLHIMENTO COMO EXPERIÊNCIA REPARADORA

Pesquisas e estudos no campo da psicanálise mostram que mais do que os fatos reais vividos, são as palavras utilizadas pelos adultos e, principalmente a forma como eles significam os fatos reais que determinam as marcas psíquicas que a criança terá sobre determinado evento (Paiva, 2004). Dessa forma, a medida do acolhimento pode ser reparadora, ao contrário do estigma de experiência ruim, quando ajuda uma criança ou adolescente a encontrar palavras que deem sentido ao que viveu, sem desqualificar suas raízes familiares, ajudando a reconhecer o afeto que receberam, mesmo que alternado a momentos de negligência ou violência.

É importante lembrar que o acolhimento é uma medida excepcional, temporária e provisória. No entanto, neste período do acolhimento, os meninos e meninas não estão somente à espera de algo: voltar para casa ou conseguir uma nova família. Estão sendo cuidados por adultos, estão vivos e ativos, vivendo alegrias e tristezas, experimentando frustrações, se desenvolvendo e conquistando autonomia. Constroem relações de afeto com os profissionais do serviço de acolhimento, com as outras crianças e adolescentes com as quais moram provisoriamente, com pessoas que fazem parte da comunidade onde estão. Trata-se de um período muito significativo, permeado também por carinho e lembranças. O impacto do afastamento do convívio familiar e de maus tratos no desenvolvimento psíquico das crianças acolhidas pode ser minimizado e até superado durante o acolhimento através das relações com adultos que exercem as funções de cuidado, proteção e estabelecimento de limites.

O ser humano se desenvolve através da relação com pessoas que cuidam amorosamente e protegem. Durante o acolhimento, os adultos responsáveis pelas crianças desempenham funções de proteção básica ligada à alimentação, higiene, acompanhamento aos serviços de saúde e educação. No entanto, o papel desses adultos não se limita a essas tarefas concretas; a dimensão mais importante de seu trabalho é a disponibilidade para se vincular afetivamente com os meninos e meninas, ajudando-os a compreender e elaborar suas histórias e favorecendo seu desenvolvimento físico, emocional e social.

Enquanto estão acolhidas, a casa e o grupo de pessoas que cuidam da criança ou adolescente definem e sustentam sua existência, contribuindo para seu amadurecimento. Suas experiências passadas continuam sendo importantes em seu desenvolvimento e, por isso, as pessoas com as quais convivem durante o acolhimento fazem parte de sua identidade.

Na cena da adoção, os pais adotivos e os profissionais que oferecem apoio a eles têm um papel central no desenvolvimento da criança. A forma pela qual os adultos lidam com os afetos mobilizados pela adoção será determinante para a saúde psíquica da criança adotada e para a maneira pela qual se relacionará com este importante fato de sua história. O que se fala, o que não se fala, como e quando se fala para a criança sobre sua vida e suas experiências concretas são determinantes para a elaboração psíquica da adoção ou para que ela seja geradora de conflitos paralisantes, incertezas e inseguranças. Neste sentido, para que o adulto possa ajudar a criança a se relacionar de forma sadia com sua história, ele próprio precisa de espaço para refletir sobre o assunto, expressar seus sentimentos, angústias e expectativas. O que os pais imaginam sobre o período do acolhimento e sobre as famílias biológicas, se falam e como falam a respeito, influenciam o desenvolvimento do filho e da relação familiar.

A ADOÇÃO E O LUTO NECESSÁRIO

As crianças adotadas foram separadas de suas primeiras referências de afeto e proteção. Deixaram de conviver com a família biológica, se mudaram para uma casa diferente (ou até para uma cidade diferente) e, às vezes, os hábitos e rituais com os quais estavam acostumadas se transformaram completamente (a refeição, a hora do banho, os brinquedos e etc). Ainda que tenha sofrido maus tratos ou que as condições de vida fossem inadequadas, a criança quase sempre apresenta sentimentos ambivalentes em relação à família de origem: amar e sentir saudades e, ao mesmo tempo, odiar as pessoas que cuidavam delas. Mesmo que não tenham convivido muito com a família biológica, elas também passaram por uma outra separação: a dos profissionais e crianças do serviço de acolhimento, e de outras pessoas que faziam parte de sua rotina enquanto acolhidas. Da parte da criança, há lutos referentes a estas perdas, que podem ser de maior ou menor importância para cada um.

Do outro lado, os casais pretendentes à adoção passaram por experiências muito singulares. Alguns enfrentaram a dificuldade de engravidar, outras desejaram ter um filho quando já não eram tão jovens; são diversas as trajetórias que levam à decisão pela adoção e alguma delas envolvem sofrimento. Para que sejam superadas, estas situações precisam ser reconhecidas, nomeadas, compreendidas e, portanto, elaboradas. Isso permite que espaços internos se abram e que pais e filhos adotivos possam receber, aceitar e acolher uns aos outros.

A história da adoção é totalmente permeada pelas histórias que a antecedem – a trajetória de vida dos pais adotivos e da criança. Quando as marcas anteriores não são olhadas, reconhecidas e valorizadas, as crianças podem denunciar a negação através de diversos sintomas psicológicos.

ACEITAR O PASSADO PARA VIVER O PRESENTE

Filhos, adotivos ou biológicos, não são perfeitos. As expectativas dos pais nem sempre serão correspondidas, já que os filhos não são exatamente como se imaginava. Suas características, seu jeitinho, suas escolhas podem frustrar em alguns momentos os pais. Oferecer as melhores condições de vida ao filho não garante que a família esteja imune a dificuldades de convivência, conflitos e turbulências. Nesse sentido, diz-se que todo filho deve ser adotado. Ou seja, deve ser aceito e amado, considerando sua personalidade e características diferentes das dos pais, seus limites, qualidades e defeitos.

No caso dos filhos adotivos, aceitá-los também significa aceitar e acolher sua história, já que ela faz parte de sua identidade e constitui sua personalidade. Quando o passado é integrado ao presente e ao futuro, criam-se condições para que a criança desenvolva um sentimento de identidade consistente. Reconhecer, considerar e ter consciência de que há uma história anterior ajuda os pais a estarem mais atentos e compreenderem os sentimentos dos filhos, que no início do convívio podem estar ligados ao medo de se separarem, serem rejeitados ou abandonados. Há filhos adotivos que passam a vida se empenhando em corresponder às supostas expectativas de seus pais. Isso resulta do medo de serem novamente separados de uma família ou da sensação de não serem plenamente aceitos pelos pais adotivos. Filhos que tendem a agradar, evitar conflitos ou qualquer atitude de oposição que resulte em risco de sofrerem outra dolorida separação precisam ter reassegurado pelos pais que a filiação pela adoção é tão genuína quanto a biológica e que os laços de amor construídos são para toda a vida, aconteça o que acontecer (Levinzon, 2014).

Importante lembrar também que há aspectos da história da criança que podem facilitar, e muito, a convivência inicial entre pais e filhos. Conhecer a rotina da criança, seus horários, o que a deixa irritada ou alegre, seus hábitos na hora de comer, de dormir, de tomar banho, objetos preferidos, contribui para uma adaptação gradual e tranquila.

Ainda que pais adotivos procurem evitar falar sobre a adoção, a busca pelas origens é uma questão inerente à natureza humana. O homem está em uma busca incessante por sua história, independente de qual seja a sua vida, sua procedência ou seu destino. A investigação acerca das origens está presente desde a mais tenra idade, atrelada à curiosidade pela sexualidade. De onde viemos? A quem estamos ligados? Para onde iremos? Com quem nos parecemos? Qual a nossa história?

Todo ser humano tem uma história que se antecede ao momento da concepção e tal dinâmica não é diferente na adoção. O ser humano, mesmo antes do nascimento, está marcado pela maneira como é esperado, pelo que representa, pelas projeções inconscientes dos pais (Dolto, 1981). Após o nascimento, a criança ainda será influenciada pelo contexto familiar e social no qual está inserida – as pessoas falam com a criança e sobre a criança. É neste cenário, então, que se constitui o seu psiquismo.

O QUE CONTAR? COMO CONTAR?

Toda criança adotada, em algum momento de sua vida, se questiona sobre sua verdade biológica e sua história original. Durante muito tempo, a questão da revelação à criança sobre o fato de ela ser adotada esteve pautada pela dúvida "contar ou não contar sobre a adoção". Atualmente, muitos estudos mostram que mentir e omitir prejudica a criança e este tema já nos parece ultrapassado. Se por um lado, pais adotivos estão mais preparados hoje e sabem da importância de contar ao filho que ele é adotado, por outro lado surgem novas dúvidas: o que contar? Quando contar? Como contar? E quem deve contar? (Diuana, 2012). Percebe-se que falar sobre a história anterior à adoção e sobre a origem da criança ainda é ponto de muita inquietação entre os pais adotivos.

O segredo sobre a origem da criança costuma gerar uma sensação de vazio, de isolamento, de estranhamento e de confusão. Ao negar ao filho o direito de conhecer a sua identidade biológica, os pais lhe negam o exercício pleno de seu direito de identidade e a possibilidade de buscar, nos pais biológicos e adotivos, as explicações para as mais variadas dúvidas e questionamentos que surgem em sua vida, desde questões genéticas até aquelas relativas à sua subjetividade.

Ao manter informações em segredo, os pais imaginam que estão protegendo o filho ou a si mesmos daquilo que consideram ser uma história dolorosa e de conhecimento desnecessário; no entanto, acabam por gerar ansiedade, medo e falhas na comunicação da família. Muitos assuntos, que podem trazer à tona o segredo, viram tabus e a lealdade e confiança entre os membros da família acabam ficando prejudicadas.

Neste contexto, podem ser construídas mentiras encobridoras, que visam evitar determinados assuntos e acabam criando um ambiente de desconfiança que distancia afetivamente pais e filhos. Ao se investir na manutenção do segredo e evitar a verdade a qualquer custo, muitos temas se tornam proibidos. Sempre haverá algo que a criança não pode dizer ou perguntar a respeito de si mesma. Para garantir a continuidade do segredo, exige-se uma limitação à curiosidade, ao espírito científico e criativo, porque qualquer caminhada mais ou menos livre pode conduzir ao território proibido. Em certos casos, a sensação de perigo

que ronda a curiosidade, a exploração, a busca por conhecimento pode até resultar em dificuldades escolares e de aprendizagem (Anton, s/d).

Em geral, os segredos têm como objetivo encobrir acontecimentos carregados de marcas negativas, que não foram suficientemente elaboradas pelas pessoas nelas envolvidas. Observa-se que os segredos sobre a origem partem, usualmente, de crenças, valores e sentimentos capazes de gerar vergonha, medo e muito sofrimento. A história da adoção geralmente envolve impossibilidades: impossibilidade de a família biológica criar seu filho e, muitas vezes, de a família adotiva gerar biologicamente uma criança. Caso essas impossibilidades não tenham sido bem resolvidas e sejam vividas com preconceito, vergonha ou sentimentos de desvalorização, certamente a revelação vai ser adiada, tornando-se cada vez mais difícil para a família lidar com esse tema.

Negar-se a revelar o fato da adoção está a serviço, em muitos casos, de proteger a autoestima dos pais adotivos, encobrendo sua "incapacidade biológica"; de proteger a criança de uma informação sobre sua origem que julgam demasiadamente dolorosa; e de os pais se protegerem da fantasia de que o filho pode abandoná-los, por uma suposição de não estar satisfeito com eles. Em todas estas situações, supõe-se que os envolvidos neste enredo – pais biológicos, pais adotivos, criança adotiva – não são bons o suficiente.

O segredo conduz facilmente à suposição de que, se não se pode saber algo, isto deve ser mau, ruim, inadequado. Muitas vezes, cria-se um campo negativo em torno da origem da criança, um campo invisível que a ronda, mas ao qual ela não tem acesso consciente. No entanto, não há como apagar ou esconder algo tão crucial da história de uma pessoa. Além disso, se um filho adotivo descobrir por si só ou ouvir informações da adoção por outras pessoas se sentirá traído e poderá perder a confiança que deposita em seus pais. Muitos conflitos e até sintomas psicológicos podem resultar dessa situação.

Importante dizer que a revelação da adoção não é suficiente em si mesma. Ela é o primeiro passo para um canal de comunicação aberto capaz de favorecer uma relação de confiança e respeito. A informação em nível intelectual, quando não está articulada ao desejo da pessoa de saber, pode oprimir ou violentar. Ou seja, não é a revelação da letra

fria de um prontuário ou relatório que está em pauta. Coloca-se aqui a necessidade de uma disponibilidade que permita à criança perguntar e investigar espontaneamente sobre si mesma, partindo do que os pais lhe contam de forma natural sobre sua chegada e de acordo com seu grau de desenvolvimento.

O termo "revelação" pode deixar a impressão que basta uma conversa para que a criança saiba a respeito e que há um momento certo para isso. Além disso, essa palavra pode assustar, já que transmite um tom de seriedade e gravidade ao que vai ser tratado. Quanto mais este assunto se tornar natural e houver um sentimento de que a criança sempre soube a respeito, melhor. Não se trata de algo que precisa ser conversado a todo momento; pelo contrário, referir-se à adoção constantemente é prejudicial. Mas certamente será um tema que permeará toda a vida da família (Levinzon, 2014).

Alguns pais dizem que não conversam com os filhos sobre a adoção porque as crianças são pequenas demais, porque não fazem perguntas, desviam o assunto ou não querem falar disso. É verdade que as crianças começam a se interessar espontaneamente pelas origens por volta de 3 ou 4 anos. No entanto, os pais, mesmo antes disso, podem utilizar a palavra "adoção" para que os filhos se familiarizem com o termo, se referir à época em que se encontraram ou ler livros e assistir a filmes infantis que tratem do assunto. Tomar a iniciativa e introduzir um diálogo sobre adoção mostra à criança que esse não é assunto proibido. Muitas vezes, filhos que não conseguem falar ou perguntar sobre adoção, podem ter pais que também não falam a respeito de forma natural (Levinzon, 2014).

CANAL ABERTO DE DIÁLOGO

Construir um canal aberto de diálogo sobre a adoção, ser honesto, deixar o filho explorar suas origens e fazer perguntas a respeito não significa compartilhar detalhadamente informações que a criança ou o adolescente não é capaz de compreender ou elaborar. Falar da adoção pode ser simplesmente contar onde nasceu, os lugares que viveu, as pessoas que cuidaram amorosamente dela, as sutilezas prazerosas da sua rotina antes da adoção. Quanto mais informações os pais tiverem em relação ao dia a dia da criança antes da adoção, maiores são as chances de compartilharem com os filhos aspectos positivos sobre seu passado.

O motivo que provocou a separação de sua família de origem ou informações que transmitam uma imagem negativa dos pais biológicos não precisam ser contados em detalhes. Respostas genéricas que expliquem que a família não pôde oferecer as condições necessárias para cuidar dele costumam ser suficientes. O importante é deixar claro que essa separação não ocorreu porque havia algo de errado com a criança, que ela não foi responsável por esta situação. Diante do interesse de saber detalhes inapropriados, os pais podem dizer que o filho ainda é novo para saber e conversarão a respeito quando for adulto. Quando os pais sabem pouco sobre o passado do filho, é interessante que se disponibilizem a ajudá-lo a descobrir mais sobre sua história quando crescer. Estas são atitudes honestas que transmitem confiança e segurança ao filho (Levinzon, 2014).

Ter poucas informações sobre a família biológica ou dados que produzem estigmas, preconceitos e uma visão desqualificada acerca dela não contribuem para o desenvolvimento da família adotiva. Embora possa ser mais confortável para os pais adotivos se identificarem com o lado bom da história e atribuírem à família biológica o lado mal, esta cisão não facilita a construção da identidade dos filhos, sobretudo na adolescência. A imagem negativa que os pais adotivos muitas vezes têm dos pais biológicos é transmitida aos filhos e pode fazer com que se identifiquem com atitudes e comportamentos ligados a esta imagem que, possivelmente, nem corresponde à realidade.

Nem sempre os profissionais da rede de proteção ajudam os pais adotivos a construir uma visão compreensiva em relação às famílias biológicas. Prontuários, relatórios técnicos

e o compartilhamento verbal de informações que enfatizam os aspectos negativos que levaram à destituição do poder familiar, desvalorizam e até omitem situações que criam empatia com as famílias biológicas. Acreditar que essas eram monstruosas e apenas incapazes pode ser confortável para quem toma as decisões jurídicas e até mesmo para as famílias adotivas, que afastam a ameaçadora fantasia de que um dia os filhos podem preferir ficar com a família biológica. No entanto, esse posicionamento pode levar os filhos adotivos a sentirem que suas origens e, portanto, eles próprios não são bons o suficiente. Paralelamente, os pais adotivos podem criar uma fantasia tão intensa e negativa em relação à família biológica, que ficam constantemente apavorados com a ideia de que por determinação genética os filhos trilhem a trajetória dos genitores.

Por outro lado, quando os pais adotivos e, posteriormente, os filhos compreendem a complexidade de fatores – sociais, econômicos, emocionais – que impossibilitaram que ficassem com as famílias biológicas, as fantasias e enredos imaginados se diluem e os filhos podem se identificar com aspectos positivos não só dos pais adotivos, como também dos pais biológicos.

Como mencionado, por trás da dificuldade de falar sobre a adoção e oferecer informações sobre o passado dos filhos, comumente se encontra o receio por parte dos pais adotivos de que seus filhos irão em busca da família biológica, abandonando-os, rejeitando-os e trocando-os. Mesmo que os filhos busquem concretamente sua origem, isso não significa que não amem os pais adotivos e que o sentido de família edificado esteja ameaçado. Trata-se de uma tentativa de construir uma identidade mais integrada, através da busca pela herança genética, informações de saúde e compreensão dos motivos que impossibilitaram que ficasse na família biológica.

A busca pelas origens, o resgate e elaboração da história vivida, será essencialmente um trabalho psíquico para o filho adotado, que ninguém poderá realizar por ele – mas no qual a família adotiva pode e deve contribuir com uma atitude aberta e honesta. Cabe à família facilitar este processo de elaboração protagonizado por seu filho. É através de uma trajetória individual que a criança poderá integrar o seu passado e viver o seu presente. Cada um encontrará a sua verdade pessoal ao longo deste processo.

A LEGISLAÇÃO SOBRE O TEMA

No âmbito legal, a preocupação em garantir o direito de conhecimento das origens foi inserida em tratados internacionais sobre os direitos das crianças. A Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989, estabelece, no artigo 7, item 1, o direito da criança de conhecer seus pais e de ser cuidada por eles : "a criança será registrada imediatamente após seu nascimento e terá direito, desde o momento em que nasce, a um nome, a uma nacionalidade e, na medida do possível, a conhecer seus pais e a ser cuidada por eles".

No Brasil, até a entrada em vigor da lei 12.010/09 – que modificou e ampliou artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90 – a legislação resguardava o sigilo dos processos de adoção e da identidade dos pais biológicos. Entretanto, muitas pessoas adotadas ou que cresceram em serviços de acolhimento reivindicaram o direito de conhecer suas origens biológicas.

A recente Lei 12.010 introduziu nova redação ao art. 48 assegurando ao adotado maior de 18 anos o direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada. No parágrafo único, estabeleceu-se a possibilidade de acesso ao processo de adoção por menores de 18 anos, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica. Por mais radical e definitiva, a adoção não tem o poder de revogar o passado, a história e a identidade do adotado.

O TRABALHO NECESSÁRIO

Ainda que garantido por lei, o direito ao conhecimento sobre as origens e, portanto, sobre a adoção, envolve questões complexas. Entrar em contato e reconhecer os afetos ligados a este contexto exige um trabalho contínuo e delicado. Neste sentido, apoio profissional e preparação prévia são fundamentais. Os Grupos de Apoio à Adoção oferecem espaços importantes para reflexões e trocas de experiências. Através dos grupos, os pais podem ser sensibilizados e amparados para compartilhar com o seu filho os aspectos que envolvem a história da adoção, incluindo as grandes alegrias deste encontro.

A adoção é permeada pelo desejo dos pais de exercer junto à criança a função de pai ou de mãe. E esse desejo é fruto de uma história que também deve ser compartilhada com a criança. Saber que foi desejada, esperada, que os pais se prepararam para recebê-la favorece o sentimento de pertencimento da criança em relação àquela família. A criança aprende o mundo da forma como os adultos ensinam. Se estes se sentem seguros e confiantes na sua condição de pais, assim a criança também se sentirá no seu lugar de filho.

A METODOLOGIA DE TRABALHO COM HISTÓRIAS DE VIDA NO CONTEXTO DA ADOÇÃO

O Fazendo Minha História (FMH), programa do Instituto Fazendo História, possui uma metodologia sistematizada para que crianças e adolescentes em acolhimento entrem em contato e se apropriem de suas histórias, registrando-as através de fotos, relatos e depoimentos. Abre-se assim um espaço de expressão que facilita à criança ou adolescente elaborar passagens delicadas de sua vida. Aplicada no contexto de adoção, pode facilitar as relações entre pais e filhos adotivos, pois abre um canal de comunicação que mostra que as histórias podem ser olhadas, faladas e valorizadas.

Quando a criança adotada esteve acolhida em um serviço de acolhimento que desenvolvia a metodologia do FMH, teve a oportunidade de chegar na família adotiva com um álbum recheado de lembranças desse período. Trata-se de um material que, quando acessado e valorizado pela nova família, garante a continuidade entre o passado e o presente da criança, facilitando a construção de uma identidade integral e consistente.

O filho adotivo não nasce quando é adotado. Ele carrega uma história anterior à chegada na família. Quando essa história é desconhecida para os pais ou transmitida somente pelos atores do judiciário, as cores dadas a ela podem ser sombrias. Deste desconhecimento surgem versões fantasiosas, preconceituosas, estigmatizantes. Pode-se acreditar que o serviço de acolhimento é um lugar frio e assustador, que lá a criança não viveu momentos alegres, que não foi cuidada com carinho. Pode-se adotar uma visão negativa da família biológica, em relação à qual se destacam nos relatórios oficiais os aspectos que levaram à destituição ("abandono no hospital", "usuária de drogas e moradora de rua", "maus tratos"), deixando-se de lado detalhes que possam revelar momentos de cuidado e amor (tentativas de visita que foram proibidas, o enxoval que foi feito carinhosamente pela família, a emoção e indignação ao se separar do filho, o pedido para que alguém cuidasse dele da melhor forma possível, o olhar de ternura durante as amamentações).

O álbum proposto pela metodologia do FMH revela detalhes e sutilezas que dão novas cores a cada história. Os registros realizados durante o período de acolhimento ajudam tanto a criança quanto a família adotiva a conhecerem e compreenderem as passagens de vida precedentes à adoção de forma mais amorosa. Através dos registros, todos os integrantes da família apropriam-se do fato de que a vida da criança teve sim momentos doloridos, mas não se resume a isto. As lembranças reveladas e concretizadas pelas fotos e depoimentos mostram que a criança foi cuidada, olhada, protegida e amada por adultos de referência – em algumas situações a própria família biológica, em outras os profissionais dos serviços de acolhimento – vivendo com estes momentos alegres, estimulantes e prazerosos.

Além disso, muitas vezes os registros revelam a complexidade das motivações que impossibilitaram à família de origem ficar com seu filho, diminuindo as chances de a criança crescer sob a sombra da explicação simplista que se oferece a ela e à família adotiva: "foi abandonada", "sofreu violência" ou "a família era negligente". Tais registros podem revelar o emaranhado de motivações que na maioria das vezes não estão ligadas ao desejo pessoal de não ter um filho e de abandoná-lo, mas que se relacionam sobretudo com os contextos familiar, econômico, histórico e cultural que podem ter impulsionado a família biológica a perceber que não poderia ou não conseguiria cuidar da criança da forma como ela precisa e merece.

Ao longo de anos de atuação, a equipe do FMH foi procurada diversas vezes por pessoas que haviam vivido uma adoção. Filhos adotivos entraram em contato solicitando ajuda para conhecer suas origens; pais adotivos, cujos filhos participaram do FMH, entraram em contato para agradecer e relatar como fora valioso receber o álbum, enfatizando como tais registros haviam facilitado a adaptação entre pais e filhos; outros pais adotivos, cujos filhos não tiveram oportunidade de participar do FMH, entraram em contato para compartilhar como sentiam falta de ter registros e informações sobre seus filhos adotivos e famílias biológicas. Em todas estas ocasiões, verificou-se que as famílias estão cada vez mais preparadas para lidar com a adoção, aceitando e adotando não só a criança, mas também sua história, o que inclui o período precedente à adoção.

Paralelamente, tais contatos revelaram e confirmaram a importância de se conhecer a história da adoção e, portanto, da constituição da família em questão.

Ainda que o filho adotivo não tenha chegado na família com um álbum que revele detalhes calorosos de sua vida, a metodologia do FMH pode apoiar pais e filhos quando já estão reunidos. Construir um álbum da família que contenha aspectos da trajetória de vida de seus membros é uma poderosa ferramenta de comunicação que aproxima os familiares. E, somado a isso, quando as famílias têm a possibilidade de elaborar esse álbum acompanhadas por um grupo de apoio a famílias adotivas, as relações construídas entre pares que estão passando por experiências semelhantes as fortalece. Trata-se de um espaço de trocas que possibilita aos participantes encontrarem apoio para lidar com possíveis dificuldades ligadas à adoção e à construção de uma família.

O Histórias Cruzadas procura adaptar as ferramentas do FMH ao contexto do apoio às famílias adotivas, oferecendo a seus integrantes uma nova forma de conhecer e entrar em contato com a trajetória, angústias, inseguranças, alegrias e desejos inerentes ao processo de adoção e à construção da relação entre pais e filhos.

HISTÓRIAS CRUZADAS

OBJETIVO

Apoiar pais e filhos adotivos a se comunicarem de forma afetiva e verdadeira, através da construção de uma narrativa familiar coletiva que acolha as diversas percepções de cada um de seus membros. Seus objetivos específicos são:

- Sensibilizar os pais adotivos sobre a importância da apropriação das histórias pessoais de cada um para o desenvolvimento da família;
- Construir um álbum da família que contemple a trajetória de vida de seus membros.

PÚBLICO ALVO

Famílias que tenham tido filhos por meio da adoção e necessitam ou buscam espaço para refletir e trocar experiências em relação à adoção. A metodologia contempla a realização de dois grupos, um para os pais e familiares que convivam regularmente com as crianças e outro para os filhos. O número de famílias participantes pode ser de, aproximadamente, 10.

Sugere-se que o grupo dos adultos seja constituído por 2 membros da família que tenham convivência regular com a criança. Quando possível, os participantes devem ser os próprios pais. Em casos de pais solteiros ou na impossibilidade de presença de um deles, avós, tios e irmãos mais velhos podem participar. Dessa forma, o grupo dos adultos deve ter por volta de 20 pessoas, número que possibilita a participação ativa de cada integrante e facilita a construção de um ambiente acolhedor e de confiança.

A participação dos filhos não é obrigatória nos grupos das crianças, mas desejável. Além de facilitar a adesão das famílias ao projeto – nem todas têm com quem deixar seus filhos durante o grupo – a realização de um trabalho direto com as crianças possibilita que tenham um espaço de expressão e de convivência com quem passou por experiências semelhantes.

PREPARAÇÃO E SELEÇÃO DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES

Antes do início dos grupos, é realizada a apresentação da proposta para todas as famílias interessadas, esclarecendo os princípios, objetivos e estratégias do trabalho. O texto do anexo I exemplifica o que pode ser abordado nesse momento preliminar.

As famílias que se identificarem com a metodologia e tiverem disponibilidade para participar nos dias e horários programados deverão enviar uma carta de interesse apresentando suas motivações. Os aspectos que podem ser solicitados na carta são:

- Como é composta a sua família: quantos filhos têm, nomes, idades, qual(is) é (são) adotivo(s) e quem mora na sua casa.
- O que o motivou a adotar uma criança?
- Quando foi a adoção?
- Que idade seu (s) filho (s) tinha (m) na época?
- Quais foram os momentos mais marcantes da "espera"?
- Como foi a chegada de seu (sua) (s) filho (a) (s) e o processo de adaptação entre vocês?
- Você conversa com seu (sua) (s) filho (a) (s) sobre a adoção? Como se sente nestes momentos?
- Que ganhos imagina que o projeto pode trazer para você e sua família? Quem gostaria de participar?
- Vocês conseguem participar de 8 encontros quinzenais durante a semana à noite, por um período de, aproximadamente, 4 meses?

No caso de haver maior número de interessados do que de vagas, podem ser utilizados como critérios de seleção:

- motivação apresentada na carta de intenção
- natureza e grau de dificuldades e de conflitos familiares que a carta apresenta
- disponibilidade de participar dos encontros
- ordem de inscrição

DURAÇÃO

De 8 a 10 encontros de 2 horas cada, que podem ser realizados semanal ou quinzenalmente. Este trabalho pode se estender caso as famílias demonstrem interesse pela continuidade.

PROFISSIONAIS QUE COORDENAM OS GRUPOS

Cada grupo – dos adultos e das crianças – é conduzido por pelo menos um técnico de formação superior, preferencialmente psicologia, e com experiência na área da adoção e/ou do acolhimento. Estes profissionais devem conhecer a legislação vigente em relação à adoção e ao acolhimento, compreender os aspectos emocionais presentes no contexto da adoção e ter experiência na condução de grupos. É necessário também que se identifique com os princípios e objetivos do trabalho.

TRIÂNGULO METODOLÓGICO – VÍNCULO, LIVROS E ÁLBUNS

O trabalho desenvolvido se baseia no tripé metodológico do FMH. Adaptado para este contexto, no Histórias Cruzadas, o vínculo trata-se da relação de respeito e confiança que se constrói entre as famílias e entre estas e os profissionais que conduzem os grupos. Os livros infantis são utilizados para aquecer o grupo para reflexões e os álbuns são uma oportunidade para as famílias registrarem e comunicarem afetivamente suas experiências, lembranças, sentimentos.



Os profissionais que coordenam os grupos são mediadores da integração e construção da relação de confiança entre os integrantes, promovendo trocas, reflexões e discussões que se constituam como um apoio para a superação de dificuldades comuns a todos. Pretende-se que o grupo construa vínculos significativos entre si, que sirva como uma rede de suporte para questões inerentes aos relacionamentos familiares. Em momentos em que alguma família se sentir emocionalmente mobilizada por questões emergentes nos grupos, os profissionais oferecem suporte individualizado através de conversas presenciais ou telefonemas.

A mediação de leitura com livros previamente selecionados permeará os encontros com intenção de sensibilizar os integrantes sobre os temas tratados. Além disso, a utilização de livros amplia o repertório literário dos pais, possibilitando que conheçam títulos que possam ser posteriormente lidos para seus filhos. A leitura é muito potente para aproximar adultos e crianças, pois promove um espaço de cumplicidade e trocas afetivas. É um convite para conversas e contribui para que leitores e ouvintes elaborem, expressem e construam sentido para o que vivem e viveram.

Durante os grupos, os pais são direcionados, estimulados e apoiados a produzir registros sobre a história de vida da família, sobretudo em casa, na companhia e com a colaboração de outros integrantes da família, em especial do(s) filho(s). Os temas das páginas são sugeridos a partir dos temas das reflexões de cada encontro.

A construção do álbum é uma oportunidade para que pais e filhos conversem afetivamente sobre a trajetória da família e as trajetórias individuais de cada membro que a constitui. É uma forma de tratar a história da adoção de maneira natural e lúdica, tornando desnecessário o momento tão temido da "revelação"; a história estará ali sempre, não há um momento específico para se falar dela, pode ser acessada quando pais e filhos quiserem. Além disso, permite à criança conhecer o desejo dos pais de terem um filho, a emoção do encontro, os momentos prazerosos vividos em família. O álbum fortalece o sentimento de identidade familiar e mostra que falar das histórias não é algo proibido. Pode também auxiliar os pais a contarem a seus filhos trechos de sua história antes da adoção, ajudando-os a conhecerem mais sobre si mesmos e a construir uma identidade que contemple seu passado, presente e futuro imaginado.

PARÂMETROS PARA A CONSTRUÇÃO DOS ÁLBUNS DAS FAMÍLIAS

Não há roteiro ou regras a serem seguidas na construção dos álbuns. Os registros são muito singulares, pois devem representar a particularidade de cada família. Não há temas obrigatórios ou uma ordem cronológica das páginas. Cada família seguirá um rumo no processo de construção de seu álbum e é preciso respeitar o ritmo, os limites, as necessidades e os desejos de cada uma delas. No entanto, alguns parâmetros ajudam as famílias a terem ideias, despertam a criatividade e oferecem caminhos possíveis para o início do álbum.

São os pais quem conduzem, organizam e incentivam os momentos de construção dos álbuns em família, mas os filhos podem e devem participar ativamente deste processo. Crianças pequenas podem participar fazendo desenhos que enfeitam as páginas, selecionando fotos, escolhendo as cores que serão utilizadas ou simplesmente estando perto dos pais enquanto estes conversam e fazem juntos o álbum. Ainda em relação às crianças pequenas, é valioso utilizar suas palavras e frases para compor os registros escritos. Para os bebês, é muito significativo ler e mostrar cada página feita, tornando o álbum um objeto de sua rotina. Crianças maiores e adolescentes podem participar ativamente, sugerindo os temas das páginas, narrando ou escrevendo os trechos escritos.

Munidas de lápis de cor, canetinhas, giz de cera, fotos, retalhos de tecido, folhas coloridas, enfeites, sobras de papel de presente, pais e filhos poderão ter um momento criativo, lúdico e prazeroso juntos, através do qual muitas conversas honestas e verdadeiras podem surgir!

Organização

- a ordem cronológica não é necessariamente a melhor. Pelo contrário, podemos começar pelo presente, apresentando os membros da família
- títulos organizam a narrativa para a criança e contextualizam o tema que será tratado em cada página
- datas em todas as páginas ajudam a criança a se localizar no tempo
- colocar legendas nas fotos: vale escrever quem aparece na fotos, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do "click"

Estética

- páginas e molduras coloridas enfeitam e ressaltam as fotos e as histórias contadas
- escrever em letra de forma ajuda a criança a entender o que está escrito
- utilizar caneta ou canetinha, pois lápis grafite apaga com o tempo
- variedade de recursos: fotos, desenhos, colagens, pinturas compõem o álbum, mas seu grande valor se encontra nos registros escritos, uma vez que se trata de um álbum de histórias

Temas

O momento presente da família:

- identificação: nome completo dos integrantes, data de nascimento, características de cada membro da família
- o que gostamos de fazer juntos, nossa casa, nosso bairro, lugares que frequentamos
- rotina da família
- brincadeiras e momentos de lazer

- datas comemorativas (Natal, ano novo, aniversários, festa junina e etc.)
- passeios e viagens

O passado da família

- momentos marcantes da trajetória dos pais e avós
- história do casal
- o desejo de ser pai e mãe
- a espera pelo filho
- o primeiro encontro entre pais e filhos
- adaptação e construção dos vínculos
- momentos marcantes vividos em família

Origem e passado da criança

Durante a construção de páginas sobre o passado, alguns questionamentos e angústias costumam surgir. Muitos pais se perguntam: o que falar sobre o passado do meu filho? Até onde falar? Qual é o momento certo para falar disso? O que é importante para nosso filho saber? Se eu estivesse no lugar de meu filho, o que gostaria de entender? Estas e outras perguntas podem ser trabalhadas ao longo dos encontros com os pais. A possibilidade de falar sobre isso em grupo, de entrar em contato com os sentimentos que essas perguntas despertam e encontrar apoio do profissional e das outras famílias para pensar a respeito podem facilitar a construção do álbum.

Algumas possibilidades de temas em relação ao período de acolhimento¹:

- nome, endereço, fotos
- educadores que cuidavam do filho
- crianças e adolescentes com quem moravam
- rotina e brincadeiras
- festas e passeios
- escola
- desenvolvimento (primeiras papinhas, se usava chupeta, quando sentou, nascimento do primeiro dente, quando engatinhou, quando andou, primeiras palavras)

Dependendo da idade, maturidade e perguntas que as crianças fazem, além da disponibilidade e preparação dos pais para abordarem o assunto, é possível também fazer páginas com os seguintes temas:

- informações anteriores ao acolhimento – hospital onde nasceu, cuidados e afeto que a família biológica ofereceu, brinquedos e objetos preferidos, hábitos quando era bebê, dados sobre o seu desenvolvimento
- motivo do acolhimento e/ou da destituição do poder familiar (explicação simples, sem detalhamentos inapropriados e que considere a faixa etária da criança)
- família de origem (veja, não é uma indicação! Apenas para as crianças e famílias que percebem a importância desta página e tem o desejo de a ter no álbum!)

¹ Tais informações nem sempre são conhecidas pelas famílias, mas podem ser resgatadas através de visitas e conversas com os profissionais da casa onde a criança esteve acolhida.



INTEGRAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS PODE AUMENTAR ATRAVÉS DA TROCA DE E-MAILS

O e-mail é uma ferramenta importante de comunicação entre os profissionais que coordenam o grupo e as famílias. Tem como finalidade lembrar as datas dos encontros, pedir materiais que possam ser utilizados nas atividades em grupo, retomar aspectos discutidos e sugerir temas a serem tratados nos álbuns, a partir das reflexões realizadas. Além disso, ao longo do processo, os e-mails aproximam os participantes através de trocas virtuais nas quais se compartilham fotos, dúvidas e experiências do dia a dia com os filhos. Essa ferramenta fortalece os vínculos entre as famílias, facilitando a construção de uma rede de apoio que pode permanecer viva e ativa mesmo depois do encerramento do trabalho.

AVALIAÇÃO DE CADA ENCONTRO

Depois de todo grupo, cada família preenche um formulário de avaliação do encontro (anexo II). Este formulário pode ser preenchido no final do grupo ou enviado por e-mail para ser respondido virtualmente. A opinião dos participantes é fundamental para planejar os encontros a partir do perfil e da necessidade do grupo. A avaliação permite também identificar situações que necessitam apoio mais individualizado.

SUGESTÃO DE LIVROS

A equipe do Histórias Cruzadas selecionou livros que podem ser usados em diversas situações. Alguns podem ser lidos durante os grupos das crianças e dos adultos; outros são indicações de leitura para os pais; há, ainda, títulos que podem ser lidos para as crianças na rotina da família, promovendo um momento prazeroso de interação entre pais e filhos.

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
A história de Pedro – 1ª edição	Bruna Elage	Instituto Fazendo História (pode ser encontrado no site)	Período do serviço de acolhimento
A família da Flora	Annete Audrey	Girassol	Adoção
A menor ilha do mundo	Tatiana Filinto	Grão	Segredos
Ana, Guto e o gato dançarino	Stephen Michael King	Brinque-Book	Família/diferenças
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	Cosac & Naify	Identidade negra/ personagens negros
As três vidas de Fred	Carmem Lucia Eiterer	Mazza Edições	Adoção/preconceito
Bebê do coração	Thelma Kracochansky Laufer	Callis	Adoção
Chico Juba	Gustavo Gaivota	Mazza Edições	Identidade negra/ personagens negros
Chuva de Manga	James Rumford	Brinque-Book	Identidade negra/ personagens negros
Conta de novo	Jamie Lee Curtis	Salamandra	Adoção
Conta de novo, mãe – Histórias que ajudam a crescer	Renate Meyer Sanches	Escuta	Apoio aos pais

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
Eloísa e os bichos	Jairo Buitrago/ Rafael Yonckten	Pulo do Gato	Mudanças, separações e adaptações
Então você chegou	Anette Hildebrandt	Companhia das Letrinhas	Adoção/período anterior à adoção
Esta é a nossa história	Instituto Fazendo História	Alaúde	Histórias sobre crianças e adolescentes que viveram em serviços de acolhimento
Filha	Guto Lins	Brinque-Book	Família/diferenças
Filho	Guto Lins	Brinque-Book	Família/diferenças
Guilherme Augusto Araujo Fernandes	Mem Fox	Brinque-Book	Amizade
Lilás, uma menina diferente	Mary Whitcomb	Cosac&Naify	Família/diferenças
Lino	Andre Neves	Callis	Mudanças, separações e adaptações
Mãe	Guto Lins	Brinque-Book	Família/diferenças
Menina Bonita do Laço de fita	Ana Maria Machado	Atica	Identidade negra/ personagens negros
Minha mãe é negra sim	Patricia Santana	Mazza Edições	Identidade negra/ personagens negros
Minha mãe é um problema	Babette Cole	Companhia das Letrinhas	Família/diferenças
No coração e na bolsa	Laurence Bourguignon	Brinque-Book	Família
O livro da família	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
O livro da mamãe	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
O livro do papai	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
O menino marrom	Ziraldo	Melhoramentos	Identidade negra/ personagens negros
O menino que não nasceu da barriga da mãe	Carmem Lucia Eiterer	Mazza Edições	Adoção
O Mundo no Black Power de Tayó	Kiusam de Oliveira	Peirópolis	Identidade negra/ personagens negros
O nabo gigante	Aleksei Tolstoi	Girafinha	Diversão
Obrigado a Todos!	Isabel Minhos Martins	Peiropolis	Família
Olivia	Ian Falconer	Globo	Rotina em família
Orelhas de Mariposa	Luisa Aguilar/André Neves	Callis	Família/diferenças
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa	Brinque-Book	Identidade negra/ personagens negros
Pai	Guto Lins	Brinque-Book	Família/diferenças
Peppa	Silvana Rando	Brinque-Book	Diferenças
Quando mamãe virou um monstro	Joanna Harrison	Brinque-Book	Família
Tanto, Tanto	Trish Cooke e Helen Oxenbury	Ática	Família/personagens negros

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
Tornando-se pais: a adoção em todos os seus passos	Gina Khafif Levinzon	Casa do Psicólogo	Apoio aos pais
Tudo bem ser diferente	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
Um papai sob medida	Davide Cali e Anna Laura Cantone	Cosac Et Naity	Família



GRUPOS DOS PAIS

O grupo dos adultos pode conter algumas das atividades propostas abaixo, mas sem rigidez. Essas ideias servem como inspiração e devem ganhar novos contornos dependendo do ritmo de cada grupo, da necessidade que os integrantes apresentam e das questões que os profissionais percebem que são importantes refletir. Os encontros podem ter início com uma dinâmica de aquecimento (quebra-gelo) ou com a leitura de um livro. Quando os álbuns começarem a ser construídos, é interessante reservar 30 a 40 minutos para que as famílias mostrem os registros que estão sendo construídos, compartilhem o que sentiram e pensem durante este processo de elaboração das páginas, que desafios surgiram e como os filhos estão se relacionando com os álbuns. Desta troca, surgem aspectos importantes para se trabalhar com o grupo.

CARDÁPIO DE ATIVIDADES

ATIVIDADES PARA OS PRIMEIROS ENCONTROS (1 A 3)

Livros que podem ser utilizados no início ou final dos encontros e de forma intercalada às atividades:

- "O nabo gigante"
- "O livro da família"
- "Olivia"
- "Tanto, tanto"
- "Guilherme Augusto Araujo Fernandes"

Breve reapresentação da proposta de trabalho

MATERIAL: Data show e computador

VAMOS LÁ: Através de Power Point, retomada simples e sucinta da proposta de trabalho, contendo objetivos, metodologia (triângulo metodológico), dados do contrato (duração do trabalho, cronograma) e contatos dos profissionais que conduzem os grupos.

Stop! Atividade de aquecimento e reconhecimento do grupo

MATERIAL: Uma tabela de Stop para família (anexo III) e canetas

VAMOS LÁ: Cada família terá 5 minutos para preencher a coluna "respostas da minha família" com suas informações e características familiares. Em seguida é explicado o objetivo do jogo: encontrar famílias que tenham colocado as mesmas respostas, de forma a preencher o mais rápido possível a coluna "famílias com as mesmas respostas" com seus respectivos sobrenomes. Quando nenhuma família com a mesma resposta for encontrada, a célula pode ser preenchida com "nenhuma". A primeira família que alcançar o objetivo deve dizer "STOP!". Em seguida, participantes formam uma roda para verificação da tabela da família vencedora. Em clima descontraído, o facilitador do grupo convida as famílias a se apresentarem a partir das informações colocadas na tabela.

Expectativas e receios; combinados

MATERIAL: Cartolina ou flip chart ou lousa, fita-crepe e canetinhas

VAMOS LÁ: Participantes são convidados a compartilhar suas expectativas em relação aos encontros. Facilitadores escrevem os aspectos levantados em cartolina e acolhem as colocações dos participantes. O mesmo é feito em relação aos receios que o grupo possui. Por fim, são estabelecidos combinados que ajudem a construir um vínculo de confiança e respeito entre as famílias.

Objeto significativo

MATERIAL: antes da realização do grupo, solicita-se por e-mail que participantes tragam um objeto significativo ou representativo da família.

VAMOS LÁ: Em roda, cada família mostra seu objeto ao grupo e explica porque ele é significativo ou representa a família.

Fósforo – aquecimento e reconhecimento do grupo

MATERIAL: caixa de fósforo

VAMOS LÁ: Facilitador pede para família se reunir e pensar em uma cena engraçada vivida em família. Depois cada uma conta a cena pensada durante o tempo de queima de um fósforo.

Parâmetros para a construção dos álbuns das famílias

MATERIAL: Data show e computador

VAMOS LÁ: Através de um Power Point, são apresentados os parâmetros para a construção dos álbuns das famílias e, se possível, exemplos de registros verdadeiros.

Início da construção dos álbuns

MATERIAL: Álbum, folhas coloridas e de scrap book, fotos trazidas pelas famílias, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola, tesoura e outros materiais gráficos.

VAMOS LÁ: Após a exposição dos parâmetros para construção dos álbuns, pais e filhos podem se reunir no próprio encontro para iniciar as páginas. Nesta etapa, sugere-se que as famílias façam registros que retratem a sua identidade: membros da família nuclear, principais características de cada um, o que gostam de fazer juntos, árvore genealógica, origem dos avós e bisavós, nossa casa, nosso bairro, nossa rotina, nossos passeios, nossas festas.

As histórias que nos ligam

MATERIAL: texto "As Histórias que nos ligam" (anexo IV)

VAMOS LÁ: O texto é lido em grupo e, na sequência, pais compartilham comentários e reflexões a respeito.

Word café

MATERIAL: canetinhas e cartolinas

VAMOS LÁ: Participantes serão divididos em 4 grupinhos de 5 pessoas. A cada rodada, os grupinhos terão por volta de 7 minutos para conversar sobre o tema que será proposto pelos facilitadores. Cada grupo escreverá em uma cartolina que ficará fixa na mesa os temas que surgirem nos relatos, através de palavras-chave. Depois de 7 minutos, todos trocam de mesa, procurando não sentar com as mesmas pessoas ou integrantes da família. Na nova constituição de mesa, participantes leem as palavras-chaves escritas pelos integrantes anteriores e depois iniciam conversa sobre próximo tema lançado pelos facilitadores. Esse processo se repete 4 vezes, até que todos os temas listados abaixo tenham sido compartilhados. Em cada etapa, cada participante terá 1 minuto para contar os acontecimentos mais marcantes relativos a:

- História do casal ou da formação da família nuclear
- Surgimento do desejo de adoção
- Espera pela adoção
- Chegada do filho

Ao final da dinâmica, volta-se ao grupão e todos são convidados a dizer o que sentiram ao contar e ouvir histórias pessoais das outras famílias (orientar a não dizerem o que falaram ou ouviram, mas o que SENTIRAM). Sugere-se aos pais que façam em casa páginas do álbum retratando este tema.

ATIVIDADES PARA FASE INTERMEDIÁRIA DO TRABALHO (ENCONTROS 4 A 6)

Livros que podem ser utilizados no início ou final dos encontros e de forma intercalada às atividades:

- "A história de Pedro" (1ª edição)
- "Eloisa e os bichos"
- "Então você chegou"
- "Esta é nossa história"

Uma palavra pode mudar nossa memória

MATERIAL: Notebook/computador, data show, vídeo "Uma palavra pode mudar nossas memórias" (pode ser encontrado no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=TSxghTO6xTI>), cartolina e canetinhas.

VAMOS LÁ: Cada participante diz uma palavra que acredita representar a vida de seus filhos antes da adoção. Palavras são anotadas em cartolina. Em seguida apresenta-se o vídeo. Por fim, pais são convidados a refletir sobre o vídeo, procurando entender como as palavras escolhidas no início da dinâmica impactam a forma de seus filhos entenderem e se sentirem em relação ao passado.

A rotina de crianças em um serviço de acolhimento

MATERIAL: Computador, data show e Power Point (PPT) com páginas de álbuns que retratem momentos afetivos da rotina de crianças no serviço de acolhimento.

VAMOS LÁ: São apresentados em PPT páginas de álbuns verdadeiros que retratem bons momentos vividos no abrigo, tais como: relação com educadores, relação com crianças e adolescentes, rotina, brincadeiras, passeios, festas, escola. Em seguida é proposta uma discussão em grupo a partir de algumas perguntas norteadoras: o que pensaram ao longo da apresentação dos slides? O que sabem sobre o período em que as crianças estiveram acolhidas? É importante conversar sobre este período com as crianças? Por quê? Que receios possuem? Sugere-se aos pais que façam em casa páginas do álbum retratando temas como: onde os filhos estiveram acolhidos, com quais adultos e jovens tinham mais vínculo e o que gostavam de fazer juntos, que escola frequentou, qual era a rotina, quais foram os momentos especiais vividos no abrigo (ex: festas e passeios)

Adaptação entre pais e filhos

MATERIAL: Livro "Esta é nossa história"

VAMOS LÁ: Leitura do depoimento da mãe de Taina, Tawani e Lucas do livro "Esta é a nossa história". Em seguida, propõe-se uma reflexão a partir de algumas perguntas norteadoras: Como foram os primeiros encontros com os filhos? Como foi a chegada deles em casa? O que eles, pais e irmãos, estavam sentindo? Quais foram as situações mais gostosas nos primeiros dias juntos? E as situações desafiadoras? Sugere-se aos pais que façam em casa páginas do álbum retratando os primeiros momentos vividos entre pais e filhos.

Colocando-se no lugar dos filhos

MATERIAL: Música ambiente e texto de introspecção (anexo V)

VAMOS LÁ: Coloca-se música ambiente relaxante e convida-se participantes a fecharem os olhos. Facilitador lê pausadamente o texto de introspecção. Em seguida, propõe-se uma reflexão a partir de algumas perguntas norteadoras: Como estavam os filhos quando chegaram? O que estariam pensando ou sentindo? Apresentaram algum comportamento desafiador? Se estivessem no lugar deles, o que se perguntariam? Após a adoção, houve mudança no nome dos filhos? O que motivou a mudança? Como foi isso para os filhos? Sugere-se aos pais que façam em casa páginas do álbum retratando temas como: quando e como foi a chegada? O que mais marcou nos primeiros dias juntos? Como pais e filhos estavam se sentindo? Mudança de nome.

ATIVIDADES PARA OS ENCONTROS FINAIS (7 A 8) E CONTINUIDADE DO TRABALHO

Livros que podem ser utilizados no início ou final dos encontros e de forma intercalada às atividades:

- "Então você chegou"
- "Esta é nossa história"
- "As três vidas de Fred"
- "A menor ilha do mundo"

As origens biológicas

MATERIAL: Livros "Então você chegou" e "Esta é a nossa história"

VAMOS LÁ: Facilitadora lê o livro "Então você chegou" e depois propõe uma reflexão a partir de perguntas norteadoras: acham que um dia os filhos perguntarão sobre suas origens biológicas? O que imaginam que vão querer saber? Se estivessem no lugar deles, o que sentiriam necessidade de saber? Como responderiam a essas perguntas dos filhos? No final, pode ser lido o depoimento de Alessandra no capítulo sobre Tainá, Tawani e Lucas do livro "Esta é a nossa história".

Bate-papo com filho adotivo já adulto

VAMOS LÁ: Um adulto que foi adotado pode ser convidado para compartilhar sua trajetória de vida. Os aspectos que serão abordados dependem muito das particularidades da história dessa pessoa, mas é interessante trabalhar temas como: honestidade ou encobrimento da adoção e suas consequências, como e quando soube que era adotado/o que sentia a respeito, legitimidade da relação com a família adotiva (relação não compete ou é ameaçada pela família biológica), desejo ou falta de interesse de conhecer a família biológica, sentimentos ligados à família biológica. Após o convidado apresentar brevemente os momentos mais significativos de sua história, participantes podem fazer perguntas e trocar reflexões.

Filmes

MATERIAL: Computador, data show, caixas de som e filmes.

VAMOS LÁ: Alguns filmes podem ser assistidos e debatidos em seguida. Algumas sugestões são: "Aprovado para adoção" ("Couleur de peau: miel"), "O dia em que eu não nasci", "Destinos ligados".

Os perigos de uma história única

MATERIAL: Computador, data show e caixas de som.

VAMOS LÁ: Assiste-se ao vídeo da nigeriana Chimamanda Adichie (<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtlR1ZWtEY>), que relata a partir de experiências pessoais as consequências das versões únicas em relação à história de pessoas ou povos. Na sequência, pais são convidados a refletir quais são histórias únicas no contexto da adoção. Costumam surgir questões sobre os estigmas relacionados aos motivos que levam pais a adotarem e sobre características de personalidade de crianças adotivas. É possível pensar sobre versões únicas, estigmatizadas, sobre o passado dos filhos e das famílias biológicas.

Avaliação do projeto

MATERIAL: parágrafo escrito por cada participante e solicitado por e-mail antes do encontro (anexo VI), velas, fósforo, prato ou suporte para colocar velas.

VAMOS LÁ: Cada participante recebe uma vela. Um participante acende sua vela e compartilha o que escreveu em seu parágrafo de avaliação. Em seguida, a chama de sua vela acenderá a de outro participante, que também lerá seu parágrafo. Esse processo terá sequência até que a vela de todos estejam acesas e unidas em um suporte.

Ritual de despedida através do álbum

MATERIAL: Álbum de todas as famílias

VAMOS LÁ: Cada família escolhe a página do álbum mais significativa, a mostra aos outros participantes compartilhando o motivo desta escolha.

Festa de despedida

MATERIAL: um prato de comida por família (bacana ser um prato que faça parte da rotina da família, que tenha a sua cara) e álbuns de todas as famílias.

VAMOS LÁ: Pais e filhos se juntam para um confraternização de despedida regada a comes e bebes, conversas e exposição dos álbuns construídos ao longo dos encontros.

GRUPO DOS FILHOS

Ao longo do período dos encontros com os pais, serão realizadas atividades lúdicas para os filhos. Este trabalho paralelo facilita a participação dos pais no projeto e possibilita que os pequenos também tenham um espaço de expressão. As atividades para as crianças são desenvolvidas por um técnico (preferencialmente psicólogo) acompanhado de um estagiário ou voluntário, no mesmo local dos encontros para os pais, mas em sala separada.

O trabalho com as crianças tem o mesmo objetivo geral daquele realizado com os pais (ver página 11), mas possui objetivos específicos diferentes:

- Criar um espaço onde as crianças possam expressar suas vivências referentes à temática familiar;
- Sensibilizar as crianças sobre a singularidade da história de cada uma delas;
- Protagonizar a participação das crianças na elaboração do álbum familiar através dos desenhos e atividades lúdicas produzidos pelo grupo.

Neste espaço, o tema da adoção não precisa ser proposto pelo técnico, uma vez que as famílias podem estar em momentos muito diferentes em relação ao que falam e como falam a respeito com os filhos. No entanto, o assunto possivelmente surgirá espontaneamente entre as próprias crianças, quando poderá ser acolhido e tratado naturalmente.

Caso as crianças tenham idades muito diferentes, é interessante dividi-las em dois grupos, com propostas de atividades específicas para cada faixa etária. O cuidado com a organização do espaço e horários facilita a adaptação inicial das crianças e a integração entre elas. É importante oferecer materiais e brinquedos adequados às suas idades, organizar a sala antes que as crianças cheguem, criar rituais semelhantes em todos os encontros.

Os grupos das crianças podem alternar atividades dirigidas e momentos livres em que escolham uma brincadeira. Crianças, sobretudo as menores, não conseguem se concentrar durante muito tempo em uma atividade única. Dessa forma, a sala pode ser organizada em "cantinhos", compostos, por exemplo, por esteira com livros infantis, brinquedos, materiais gráficos para desenhar. No momento das atividades livres, os adultos devem ficar próximos às crianças, observando suas brincadeiras, disponibilizando-se para brincar junto ou ler livros, mediando a relação das crianças em situações de conflito, promovendo brincadeiras.

Para incentivar o diálogo entre pais e filhos sobre os encontros, é interessante enviar por e-mail fotos e frases simples que retratem algum momento da criança no grupo. Se for observada alguma criança com dificuldade que merece apoio profissional ou maior atenção dos pais, vale a pena chamá-los para um conversa individual na qual as observações sejam compartilhadas e sugestões de encaminhamentos sejam cuidadosamente construídos.

SUGESTÃO DE LIVROS QUE PODEM SER UTILIZADOS NOS GRUPOS DAS CRIANÇAS

As crianças encontram nas histórias dos livros um lugar seguro e com muitos elementos simbólicos para elaborar questões relativas à vida. A partir da leitura é possível experimentar papéis, descobrir novas possibilidades e refletir sobre situações coletivas e individuais. A leitura de um livro em um grupo de crianças é um convite para que se expressem e compartilhem experiências entre si, gerando aproximação afetiva e favorecendo a construção de vínculo entre os ouvintes.

Estes livros, entre outros, podem ser utilizados em diversas situações: para compor a esteira de livros do "cantinho de leitura", para serem lidos no início ou final dos grupos, ou ainda de forma intercalada entre as atividades.

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
A casa sonolenta	Audrey Wood	Ática	Família/imaginário
A vaca que botou um ovo	Andy Cutbill	Salamandra	Amizade
A velhinha que dava nome às coisas	Cynthia Riland	Brinque-Book	Solidão/amizade/perda
A verdadeira história dos três porquinhos	Jon Scieszka	Companhia das Letrinhas	Ética
Ana e Ana	Célia Godoy	Difusão Cultural do Livro	Família/identidade/singularidade
Ana, Guto e o gato dançarino	Stephen Michael King	Brinque-Book	Autoestima/amizade/respeito às diferenças.
Assim assado	Eva Furnari	Moderna	Diversão
Até as princesas soltam pum	Ilan Brenman e Ionit Zilberman	Brinque-Book	Diversão
Belinda, a bailarina	Amy Young	Ática	Autoestima/corpo/diversidade.
Bruxa, bruxa, venha à minha festa	Arden Druce	Brinque-Book	Medo/repetição/diversão
Chapeuzinho Amarelo	Chico Buarque (ilustrações de Ziraldo)	José Olympio	Medo
Como começa?	Silvana Tavano	Callis	Curiosidades/mistérios
Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela	Werner Holzwarth e Wolf Erlbruch	Companhia das Letrinhas	Diversão
Feliz por obrigação	Chris Wormell	Ática	Tristeza/sentimentos
Guilherme Augusto Araújo Fernandes	Mem Fox e Julie Vivas	Brinque-Book	Amizade
Ledazeda	Mahyra Costivelli	Grão	Encontro/vínculo

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	TEMAS TRABALHADOS
Leo e Albertina	Christine Davenier	Brinque-Book	Amizade
Não confunda	Eva Furnari	Moderna	Diversão
O grúfalo	Júlia Donaldson	Brinque-Book	Diversão
O livro da família	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
O livro da mamãe	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
O livro do papai	Todd Parr	Panda books	Família/diferenças
O livro dos sentimentos	Todd Parr	Panda books	Sentimentos
O ponto	Peter H. Reynolds	Martins Fontes	Autoestima
O sapo bocarrão	Keith Faulkner	Companhia das Letrinhas	Diversão
O trem da amizade	Wolfgang Slawski	Brinque-Book	Amizade
Oh!	Josse Goffin	Martins Fontes	Diversão
Patrícia	Stephen Michael King	Brinque-Book	Amizade
Pedro e Tina	Stephen Michael King	Brinque-Book	Amizade/encontro/vínculo.
Pequeno azul e pequeno amarelo	Leo Lionni	Berlendis e Vertecchia	Amizade
Pombinha branca	Ana Luiza de Paula	Callis Editora	Diversão
Rápido como um gafanhoto	Audrey Wood	Brinque-Book	Diversidade/individualidade
Vizinho, vizinha	Roger Mello	Companhia das Letras	Amizade
Zoom	Istvan Banyai	Brinque-Book	Diversão

SUGESTÃO DE BRINQUEDOS QUE PODEM SER UTILIZADOS NO GRUPO

A atividade lúdica é uma linguagem que possibilita à criança manifestar emoções, conflitos e pensamentos. Brincando, encontra uma maneira de elaborar seus pensamentos e emoções, sejam estes desconhecidos para si próprios ou familiares. O brincar permite surgir conteúdos internos, possibilita a elaboração e superação de dificuldades, e ajuda a criança a criar suas próprias ideias e imagens em relação ao mundo. Trata-se de uma linguagem que permite interação mais efetiva com o mundo que a cerca. A brincadeira é universal e condição fundamental para saúde, já que possibilita o crescimento e os relacionamentos grupais.

Estes brinquedos não estruturados permitem às crianças utilizarem seus próprios recursos criativos para brincarem. São materiais que estimulam brincadeiras mais espontâneas, a fantasia, imaginação, construção de personagens e enredos:

- tecidos de diversos tamanhos para brincadeiras de faz de conta
- caixas de papelão, especialmente as grandes, que podem ser transformadas em diversos brinquedos, como carros, barcos, casas, túneis
- blocos de madeira
- blocos de encaixe (tipo Lego)
- garrafas plásticas de diversos tamanhos para fazer instrumentos musicais, jogo de boliche, carrinhos
- papéis de diversos tamanhos, cores e texturas para recorte, desenho, colagem
- bolas de diversos tamanhos

CARDÁPIO DE ATIVIDADES DIRIGIDAS

ATIVIDADES PARA A PRIMEIRA METADE DOS ENCONTROS (ENCONTROS 1 A 4)

Atividade de reconhecimento do grupo e integração – opção I

MATERIAIS: folha sulfite, lápis de cor e estojo com canetinhas.

VAMOS LÁ: cada criança diz seu nome e o que mais gosta de fazer através de mímica ou desenho.

Atividade de reconhecimento do grupo e integração – opção II

MATERIAIS: pedaços de folha sulfite, lápis de cor, estojo com canetinhas, giz de cera, almofada de carimbo.

VAMOS LÁ: crianças recebem um pedaço de folha sulfite onde escreverão seu nome de forma criativa e utilizando material de sua escolha. Depois cada uma marcará sua digital na sua folha. Todos serão convidados a comparar as digitais para que percebam que nenhuma é igual. Facilitador pode dizer que o mesmo acontece com as histórias de vida, que nenhuma é igual à outra, que cada um tem a sua e que ela é única. Os pedaços de papel com nome e digital podem se tornar crachás nos encontros seguintes e ser utilizados no álbum.

Atividade de reconhecimento do grupo e integração – opção III

MATERIAIS: livro "Rápido como um gafanhoto", pedaços de folha sulfite, lápis de cor, estojo de canetinha, giz de cera.

VAMOS LÁ: após leitura do livro, pergunta-se às crianças qual é a sua principal característica. Na sequência, cada uma faz um desenho a respeito.

Combinados para garantir uma boa convivência

MATERIAIS: Cartolina, estojo com canetinhas, giz de cera.

VAMOS LÁ: as crianças são convidadas a pensar um nome para o grupo. Este nome é escrito na cartolina e, em seguida, são feitos acordos para que o espaço seja gostoso e acolhedor para todos. Tanto as crianças quanto os adultos podem sugerir combinados e, no final, a cartolina é enfeitada por todos.

Escravos de Jó com livros

MATERIAIS: 1 livro para cada participante.

VAMOS LÁ: ensina-se a música para quem não conhece. Depois explica-se a "coreografia" feita enquanto se canta a música. Os livros serão os objetos da "coreografia".

Desenho da família

MATERIAIS: livros "Livro da família" ou "O livro do papai" e o "Livro da mamãe", folha sulfite, lápis de cor, estojo com canetinhas, giz de cera.

VAMOS LÁ: após leitura de um ou alguns livros, crianças são convidadas a fazer um desenho de suas famílias. Depois, em roda, cada uma mostra seu desenho e conta as principais características dos membros retratados. Adultos podem ajudar escrevendo no desenho o que a criança contou. Essa produção pode ser colocada no álbum da família.

ATIVIDADES PARA A SEGUNDA METADE DOS ENCONTROS (ENCONTROS 5 A 8)

Sentimentos

MATERIAIS: livro "Livro dos Sentimentos" ou "Feliz por obrigação", folha sulfite, lápis de cor, estojo com canetinhas, giz de cera.

VAMOS LÁ: após leitura do livro, crianças podem ser convidadas a contar o que as deixa tristes, felizes, com raiva, com medo, com saudade, com vergonha. Depois esses sentimentos podem ser desenhados e escritos para que se tornem uma página do álbum.

Rotina e momentos em família

MATERIAIS: massinha de modelar, folha sulfite, estojo com canetinhas e lápis de cor.

VAMOS LÁ: em roda, cada criança diz seu nome e sua comida preferida. Quem estiver à sua direita repete o nome do colega à esquerda e a comida citada por ele. Processo se repete até todos terem falado seu nome e comida preferida. Depois as crianças modelarão com a massinha suas comidas preferidas e serão convidadas a contar o que comem em casa, como são as refeições. Por fim, sugere-se que façam um desenho de refeição em família, que poderá ser colocado no álbum. A mesma atividade pode ser feita em relação a outros temas ligados à rotina, como final de semana, passeios, hora de dormir, festas familiares, férias.

Registros fotográficos

MATERIAIS: foto revelada que retrate algum momento em família, papéis de scrapbook, estojo com canetinhas, lápis de cor, giz de cera.

VAMOS LÁ: pais e filhos selecionam uma foto para ser levada ao encontro. No grupo, crianças mostram suas fotos e contam a história do momento retratado. Crianças, com ajuda dos adultos, podem fazer uma página para o álbum com a foto e com o relato que fizeram a respeito. A atividade pode ser replicada de acordo com o tema da foto solicitado. São possibilidades de tema: passeio em família, momento comemorativo, férias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTON, I.L.C et Al. O segredo sobre a origem e a origem do segredo. In: http://domusterapia.com.br/principal/ShowMateria.asp?var_chavereg=30

DIUANA, S. Segredo e Revelação na Adoção. Palestra proferida na I Jornada sobre Adoção da Comarca de Petrópolis – abril de 2002. In: <http://www.quintaldeana.org.br/segredo.php>

DOLTO, F. "Prefácio" In: MANNONI, M. A Primeira Entrevista em Psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

LEVINZON, G. K. Tornando-se pais: a adoção em todos os seus passos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014).

PAIVA, L.D. Adoção: Significados e Possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ANEXOS

ANEXO I – TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

7

O texto abaixo apresenta um projeto de apoio a famílias que tenham tido filhos por meio da adoção.

Pesquisas mundiais em relação à infância e juventude e a legislação brasileira apontam a importância da apropriação das histórias pessoais e familiares para o desenvolvimento pleno do ser humano. Quanto mais cada um de nós conhecer a si próprio e a sua identidade, maior será a chance de fazer escolhas conscientes e consistentes.

No contexto da adoção isso é um enorme desafio! Sabemos que não é fácil! O que é importante contar para o filho adotado? Até onde ele precisa saber sobre a adoção? Como conversar sobre tudo isso com ele? Quando é o momento certo? Estas e muitas outras perguntas são naturais e podem até assombrar algumas famílias adotivas. Encontrar pessoas com questionamentos e experiências semelhantes, encontrar ajuda para pensar sobre pegar um ou outro caminho são formas interessantes de enfrentar este desafio.

A chegada de um filho, seja adotivo, seja biológico, envolve muitas expectativas. Faz parte da espera sonharmos e desejarmos um determinado perfil de bebê ou criança. Faz parte imaginarmos suas características, seu jeitinho. No entanto a realidade, tanto com filhos biológicos quanto com filhos adotivos, nem sempre corresponde às nossas expectativas. Podemos nos frustrar e até sofrer, podemos nos deparar com situações que não imaginávamos, podemos enfrentar momentos em que não sabemos o que fazer, podemos nos sentir perdidos...

Filhos, sejam eles adotivos ou biológicos, possuem uma história que antecede o nascimento e até mesmo a concepção. A relação conjugal do casal, o momento de nascimento do filho, o contexto social da família, as características pessoais dos pais, a trajetória dos avós, o jeito que os pais conversam sobre o filho e com o filho influenciam muito nos comportamentos de um bebê e, mais tarde, de uma criança. Se isso acontece com filhos biológicos, com os adotivos este processo é duplo, pois está em jogo não só a

história da família adotiva, mas também a história da origem biológica da criança. São duas histórias que fazem da criança quem ela é. E mais do que isso, a maneira que os adultos lidam com estas duas histórias reflete no jeitinho de cada criança e na relação que ela estabelece com os seus familiares.

Faz parte do desenvolvimento psicológico de qualquer criança se perguntar sobre sua origem: de onde eu vim? Como nascem os bebês? Será que sou adotada? Será que faço mesmo parte desta família? Será que sou amada? E isso, é claro, não é diferente com crianças adotadas. Quando os adultos não sabem muito bem como ajudá-las a encontrar estas respostas, conflitos e angústias naturais do desenvolvimento psicológico podem se intensificar e até deixar a criança em um estado de sofrimento.

E todos nós sabemos que bebês e crianças não comunicam seus incômodos e sofrimentos somente através de palavras. O choro excessivo, o xixi e cocô fora de hora, o isolamento, a dificuldade de aprendizagem, a destrutividade e muitos outros comportamentos desafiadores também são formas de comunicar que algo não está bem. Crianças, mesmo sem perceber, pedem ajuda e comunicam pelo corpo e pelas suas atitudes o que não conseguem dizer verbalmente. Em casos de crianças adotivas, alguns comportamentos desafiadores podem expressar um sofrimento cifrado, como o temor de ser afastada pela segunda vez de uma família, a sensação de não se sentir fazendo parte daquele grupo familiar por não estar ligada a ele pelo sangue, o esforço ininterrupto de garantir o amor de seus pais adotivos e até mesmo a saudade da família biológica ou dos educadores do serviço de acolhimento. Há muitas possibilidades e não é fácil decifrá-las.

De qualquer forma, percebemos que o processo de adoção pode envolver algum tipo de sofrimento. Por um lado os pais adotivos se dão conta que a criança não pode ser aquilo que esperavam tanto que fosse ou enfrentam desafios durante o período de adaptação. Por outro, a criança adotada, mesmo bebê, se vê às voltas de um emaranhado de histórias cruzadas, dúvidas, questionamentos, inseguranças, saudades e inquietações que não consegue compreender sozinha. Não queremos aqui dizer que não há alegrias na adoção. Pelo contrário, sabemos que há muita felicidade e delícias no encontro de crianças e adultos que desejam constituir uma família. Mas sabemos também que é a dor, a dúvida e a angústia que nos impulsionam mais fortemente a procurar ajuda.

Do desejo de ajudar a olhar e cuidar de alguns desafios naturais do processo de adoção, foi criado este projeto de apoio a famílias adotivas. Este trabalho tem como objetivo geral apoiar pais e filhos adotivos a se comunicarem de forma afetiva e verdadeira, através da construção de uma narrativa familiar coletiva que acolha as diversas percepções de cada um de seus membros. Entendemos que quando podemos colocar em palavras o que sentimos, os sintomas, os atos, os comportamentos desafiadores perdem força, pois não precisam mais tentar comunicar aquilo que não podia ser comunicado pela palavra.

A metodologia de trabalho com histórias de vida criada pelo Instituto Fazendo História abre um espaço de expressão que facilita à criança ou adolescente elaborar passagens delicadas de sua vida. Percebeu-se que tal metodologia pode ser aplicada no contexto de adoção, facilitando as relações entre pais e filhos adotivos.

O Instituto Fazendo História notou que registros realizados durante o período de acolhimento ajudam tanto a criança quanto a família adotiva a compreenderem a história anterior à adoção de forma menos fantasiosa. Através de registros, todos os integrantes da família apropriam-se do fato de que a vida da criança teve sim momentos doloridos, mas não se resume a isto. As lembranças reveladas através de fotos e depoimentos mostram que a criança foi cuidada, olhada, protegida e amada por adultos de referência (tanto família biológica quanto profissionais dos serviços de acolhimento), vivendo com estes momentos alegres, estimulantes e prazerosos. Além disso, muitas vezes os registros revelam a complexidade das motivações que impossibilitaram à família de origem ficar com seu filho, diminuindo as chances de a criança crescer sob a sombra da explicação simplista que se oferece a ela e à família adotiva: "foi abandonada". Ou seja, tais registros podem revelar diversas motivações que na maioria das vezes não estão ligadas ao desejo pessoal de não ter um filho e de abandoná-lo, mas que se relacionam sobretudo com os contextos familiar, econômico, histórico e cultural que podem ter impulsionado a família biológica a perceber que não poderia cuidar da criança da forma como ela precisa e merece. A marca "foi abandonada" é muito diferente de "seus pais biológicos não puderam ou conseguiram cuidar de você..."

Sabe-se que é natural que alguns filhos queiram saber sobre suas origens. Ao mesmo tempo, há pais adotivos que valorizam receber relatos, depoimentos, fotos e informações

sobre a vida do filho antes da adoção. Verifica-se, assim, que as famílias estão cada vez mais fortalecidas para lidar com a adoção, aceitando e adotando não só a criança, mas também a sua história, o que inclui o período precedente à adoção.

Dessa forma, este projeto busca acompanhar e amparar as famílias no processo de integração do passado presente e futuro de cada um de seus membros. Os seus dois objetivos específicos são 1) sensibilizar os pais adotivos sobre a importância da apropriação das histórias pessoais de cada um para o desenvolvimento da família; 2) construir um álbum da família que contemple a trajetória de vida de seus membros.

O trabalho será composto por X encontros quinzenais de duas horas cada. Dez famílias poderão participar do processo. Sugerimos a presença de 2 adultos da família em cada encontro. Os filhos também poderão participar e ficarão em outra sala, onde haverá atividades específicas para eles.

Ao longo dos encontros, os pais serão preparados, estimulados e apoiados a produzir registros sobre a história de vida da família (pais e filhos), não apenas durante o encontro mas também em casa, na companhia e com a colaboração de outros integrantes da família, em especial do filho. As páginas construídas serão disparadoras de reflexões e trocas de experiências sobre o processo de adoção e os sentimentos nele envolvidos. A técnica do projeto será mediadora dessas conversas, acolhendo os integrantes e facilitando que a troca entre eles se constitua como um apoio para a superação de desafios comuns a todos. Neste sentido, pretende-se que o grupo construa vínculos significativos entre si, que sirvam como uma rede de suporte para questões inerentes aos relacionamentos familiares.

Para se inscrever no projeto, envie um e-mail de manifestação de interesse.

ANEXO II – MODELO DE AVALIAÇÃO DE ENCONTRO

Avaliação do encontro

Família: _____ Data: _____

Você considerou o tempo do encontro:

Curto Satisfatório Longo

Dê uma nota de 0 a 10 para o encontro e explique a sua nota.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Qual foi a parte mais interessante e importante deste encontro para você?

Qual foi a parte menos interessante para você?

Sugestões:

ANEXO III – MODELO DE TABELA PARA A ATIVIDADE STOP

STOP!	RESPOSTAS MINHA FAMÍLIA	FAMÍLIAS COM AS MESMAS RESPOSTAS
Região de São Paulo que moramos (norte, sul, leste, oeste ou centro)		
Número de filhos		
Lazer preferido da família		
Prato preferido da família		
País de origem dos ascendentes		
Hábito curioso da família		
Animal de estimação		
Time de futebol da família		
Religião da família		

ANEXO IV – TEXTO DE APOIO

As histórias que nos ligam

por BRUCE FEILER

Escritor e apresentador americano; autor de livros, entre outros "Os segredos de famílias felizes"; escreve a coluna This Life no Sunday New York Times

Eu atingi um ponto de ruptura como pai há alguns anos. Minha família enfrentava diversas crises. Meus pais estavam envelhecendo; minha esposa e eu sofríamos com o caos das crianças pequenas; minha irmã começava a abordar com seus filhos pré adolescentes questões relativas ao bullying, sexo e conversas por internet.

Certo como dois e dois são quatro: uma noite a tensão transbordou. Durante o jantar, notei que meu sobrinho escrevia mensagens de texto debaixo da mesa. Eu sei que não deveria dizer nada, mas não pude evitar e pedi para ele parar.

Cabummmm! Minha irmã exclamou que eu não deveria disciplinar seu filho. Meu pai apontou que eram as minhas filhas que estavam brincando inadequadamente. Minha mãe disse que nenhum neto era educado. Dentro de minutos, todo mundo escapou para cantos diferentes.

Mais tarde, meu pai me chamou. Havia um clima palpável de medo que não me lembrava de ter sentido antes.

"Nossa família está desmoronando", ele disse.

"Não, não está", falei instintivamente. "Está mais forte do que nunca".

Mas deitado na cama mais tarde, eu comecei a pensar: ele estava certo? Qual é o segredo que mantém uma família unida? Quais são os ingredientes que tornam algumas famílias eficientes, resilientes e felizes?

A única coisa importante que você pode fazer para a sua família pode ser a mais simples de todas: desenvolver uma forte narrativa familiar.

Ouvi pela primeira vez esta idéia de Marshall Duke, um psicólogo da Emory University. Em meados de 1990, Dr. Duke foi convidado para ajudar a explorar mitos e rituais nas famílias americanas.

"Havia muita pesquisa na época acerca da dissolução da família", ele me disse em sua casa no subúrbio de Atlanta. "Mas estávamos mais interessados no que as famílias poderiam fazer para neutralizar esta tendência".

Naquela época, a esposa do Dr. Duke, psicóloga que trabalhava com crianças com dificuldades de aprendizagem, notou algo em seus estudantes.

"Os que sabem muito sobre suas famílias tendem a se sair melhor ao enfrentar desafios", disse ela.

Seu marido ficou intrigado e junto com um colega, Robin Fivush, resolveu testar aquela hipótese. Eles desenvolveram uma escala chamada "Você sabe?" que pedia a crianças para responderem 20 perguntas.

Algumas eram: Você sabe onde seus avós cresceram? Você sabe em qual escola sua mãe e pais estudaram? Você sabe onde seus pais se conheceram? Você sabe sobre alguma doença ou algo terrível que aconteceu em sua família? Você sabe a história do seu nascimento?

Dr. Duke e Dr. Fivush fizeram tais perguntas a 48 famílias no verão de 2001 e gravaram várias conversas destas famílias durante o jantar. Então compararam os resultados com uma bateria de testes psicológicos realizados com as crianças e chegaram a uma conclusão impressionante. Quanto mais a criança conhecia a história de sua família, mais forte era sua percepção de controle sobre sua vida, maior era sua auto-estima e mais acreditavam no funcionamento de suas famílias. "Ficamos impressionados", disse Dr. Duke.

E então algo inesperado aconteceu: o ataque terrorista de 11 de setembro. Como psi-

cólogos, sabiam que havia surgido uma rara oportunidade. Ainda que as famílias do estudo não tivessem sido diretamente afetadas pela tragédia, todas as crianças tinham vivido o mesmo trauma nacional. Os pesquisadores voltaram a avaliar as crianças.

"Mais uma vez", disse Dr. Duke, "aqueles que sabiam mais sobre suas famílias mostraram ser mais resilientes, o que significa que conseguem lidar com os efeitos do estresse".

Por que saber onde sua avó estudou ajuda a criança a superar algo tão pequeno como um joelho ralado ou tão grandioso como um ataque terrorista? "As respostas têm a ver com a sensação de uma criança de fazer parte de uma família maior", falou Dr. Duke.

Psicólogos descobriram que cada família possui uma narrativa unificadora e estas tomam uma das seguintes formas:

Em primeiro lugar, a narrativa familiar ascendente: "Filho, quando viemos para este país, não tínhamos nada. Nossa família trabalhou. Abrimos uma loja. Seu avô foi para a escola. Seu pai foi para a faculdade".

O segundo é a narrativa descendente: "Querida, nós costumávamos ter tudo. Então perdemos tudo."

"A narrativa mais saudável", o Dr. Duke continua, "é a terceira. Chama-se narrativa familiar oscilante: 'Querido, deixe-me dizer-lhe, nós tivemos altos e baixos em nossa família. Nós construímos uma empresa familiar. Seu avô era um pilar da comunidade. Sua mãe estava no conselho do hospital. Mas também tivemos retrocessos. Você tinha um tio que já foi preso. Tivemos uma casa que pegou fogo. Seu pai perdeu o emprego. Mas não importa o que aconteceu, nós sempre nos mantivemos juntos como uma família. "

Dr. Duke disse que as crianças que têm mais autoconfiança possuem o que ele e Dr. Fivush chamam de um forte "self intergeracional." Eles sabem que pertencem a algo maior que eles mesmos.

Mr. Collins recomenda que as famílias criem oportunidades para identificar seus valores essenciais. Qualquer ocasião é propícia para trabalhar essa sensação de história: feriados, férias, grandes encontros familiares, até mesmo um passeio ao shopping. Quanto mais

forte é a tradição da família, diz ele, mais provável que ela seja transmitida. Ele menciona o costume de sua família de esconder perus nos arbustos durante Ação de Graças, para que os netos possam "caçar seu jantar", como os peregrinos. "Essas tradições se tornam parte de sua família", disse Duke.

Décadas de pesquisa têm demonstrado que a maioria das famílias felizes se comunicam de forma eficaz. Mas falar não significa simplesmente "falar para resolver problemas", sem perder a importância disso. Falar também significa contar uma história positiva sobre si mesmo. Quando confrontados com um desafio, famílias felizes, como pessoas felizes, simplesmente acrescentam um novo capítulo à sua história de vida que lhes mostra a superação das dificuldades. Esta habilidade é particularmente importante para as crianças.

Concluindo: se você quer uma família mais feliz, crie, aperfeiçoe e reconte a história de momentos positivos da sua família e sua capacidade de se recuperar dos momentos mais difíceis.

ANEXO V – TEXTO DE APOIO À ATIVIDADE DE INTROSPECÇÃO

- fechem os olhos, se coloquem em uma posição confortável, deem uma respirada fundo
- esse é um momento bem introspectivo, relaxe o corpo, sintam como está o corpo de vocês, como tudo isso que estamos falando vai mexendo com você, com o seu corpo
- tente sentir a respiração, como está essa respiração, o ar saindo e entrando
- desconecte-se do que está lá fora, fechando as janelas que nos fazem pensar no cotidiano, nas tarefas, nas preocupações, pra fazer uma viagem pela memória e pela imaginação de cada um
- deixe o dia de hoje, deixe essa semana, esse mês, tudo isso vai se afastando
- volte no tempo, para o momento em que a adoção se concretizou na vida de vocês, mas desta vez vocês estão em outro lugar, no lugar do seu filho, você é uma criança, é um bebê, você é o seu filho naquele momento, e você vai reviver algumas situações desta época, e não se importem com os dados de realidade, deixem se levar pela imaginação, pelo que for surgindo espontaneamente
- vivam o momento em que você ficou sabendo que seria adotado, quando vieram te contar sobre esta nova família, que seria a sua... O que você sentiu? Como foi?
- e daí teve um tempo em que você ficou esperando pra conhecer essa tal dessa família...
- e chegou o dia, vocês se conheceram, como era essa família? O que ela despertou em você?
- vocês passaram os seus primeiros momentos juntos, se conhecendo... como você se sentiu com essas pessoas novas? Como estava o seu corpo, a sua respiração, a sua mente, nestes momentos?
- e chegou o dia de se mudar definitivamente pro lugar onde ia ser a sua nova casa. É uma nova fase que chega... Você se despediu das pessoas de onde morava? Elas se despediram de você? Como foi essa partida, deste lugar em que você passou todo esse tempo? O que você sentia nesse momento?

- e então, você chegou num lugar que seria sua nova casa, você conheceu este novo espaço, foi tentando se localizar nele, sentiu o cheiro deste lugar, sentiu a temperatura dos ambientes, enxergou como a luz batia nas paredes, como o seu corpo se locomovia entre os móveis, como era sentir o seu pé apoiado neste novo chão... você foi entendendo onde era o seu quarto, onde iam ficar as suas coisas... será que as suas coisas já estavam lá, será que o seu quarto já estava pronto, te esperando?
- e quem mais ia dividir todo este espaço com você? Quem mais morava naquela casa, naquele apartamento?
- O que você trazia junto com você, do lugar de onde você veio? Isso te ajuda? O que mais te ajuda a ficar tranquilo e seguro em meio a tantas coisas novas?
- e aí os dias foram passando, e você continuava a se sentir de um certo jeito... será que as coisas iam se tornando mais familiares? Será que você já estava mais localizado? Já tinha encontrado uma referência? Qual era o clima, qual eram as regras, como era o jeito de viver neste novo lugar, com esta nova família?
- O que está sentindo? Será que sente com um pouco de medo lá no fundo do peito, ou um encantamento, uma empolgação com tanta coisa nova? Será que você está sentindo falta das pessoas com quem você convivia? Das vozes que você ouvia, do toque das pessoas que cuidavam de você, do cheiro do lugar em que você morava? Ou será que você já esqueceu tudo isso, que tudo isso ficou pra trás?
- e aí aos poucos, vamos sentindo de volta o nosso corpo, sentindo como ele está agora, como está a sua respiração... dê uma respirada fundo, vá abrindo as janelas bem aos pouquinhos, se espreguiçando, se mexendo, e quando você se sentir à vontade, abra os olhos.

ANEXO VI – PARÁGRAFO DE AVALIAÇÃO

Aspectos que podem ser solicitados no parágrafo de avaliação:

- o que mais me marcou neste processo?
- que mudanças percebo em mim?
- que mudanças percebo na relação em família e com o meu filho?
- que experiência vivida no grupo levarei para a minha vida?



FICHA TÉCNICA

Realização: Instituto Fazendo História

Coordenadora do projeto: Debora Vigevani

Técnica do grupo com os pais: Monica Vidiz

Técnicos do grupo com as crianças: João Verani, Lara Naddeo e Luiza Ferreira

Estagiários do grupo com as crianças: André Lombardi e Thamy Radomile

Texto: Debora Vigevani

Revisão: Ana Raquel Ribeiro, Claudia Vidigal e Isabel Penteado

Apoio: GAASP

Projeto gráfico: Luciana Sion

Instituto Fazendo História

Rua Alberto Faria, 1308 – Alto de Pinheiros

05459 001 São Paulo SP Brasil

Tel/fax: +55 (11) 3021-9889

contato@fazendohistoria.org.br

www.fazendohistoria.org.br



instituto
fazendohistória

